

# DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM OLHAR A PARTIR DAS PROFESSORAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

## LEARNING DIFFICULTIES: A LOOK AT TEACHERS IN THE LITERACY CYCLE

## DIFICULTADES DE APRENDIZAJE: UNA MIRADA A LOS PROFESORES EN EL CICLO DE LA ALFABETIZACIÓN

Jussara de Souza Castilhos<sup>1</sup>

Universidade do Planalto Catarinense — UNIPLAC

Naiara Gracia Tibola<sup>2</sup>

Universidade do Planalto Catarinense — UNIPLAC

### Resumo

Esta pesquisa traz por temática as dificuldades de aprendizagem encontradas no ciclo de alfabetização correspondente aos primeiros anos do Ensino Fundamental. A alfabetização é um tema recorrente nas políticas educacionais, na formação de professores, nos debates e em diversas áreas. O objetivo deste trabalho é compreender as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) a partir da percepção das professoras. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, e concentra-se nas questões relacionadas ao objetivo proposto por meio de entrevistas com as professoras alfabetizadoras com aporte teórico em Vygotsky (2003; 2010) e Feuerstein e Lewin-Benham (2021). Essa pesquisa visa a contribuir com a educação, especialmente o ciclo de alfabetização, fornecendo aos professores mais informações e incentivando novas abordagens pedagógicas que vão além da sala de aula.

**Palavras-chave:** Dificuldades de aprendizagem; Ciclo de alfabetização; Professoras.

### Abstract

The subject of this research is the learning difficulties encountered in the literacy cycle corresponding to the first years of elementary school. Literacy is a recurring theme in educational policies, teacher training, debates and various areas. The aim of this study is to identify the main learning difficulties faced by students in the literacy cycle (1st and 2nd years) from the perspective of teachers. The research adopts a qualitative approach and focuses on issues related to the proposed objective, through interviews with literacy teachers, with theoretical support in Vygotsky (2003; 2010) and Feuerstein e Lewin-Benham (2021). This research aims to contribute to education, especially the literacy cycle, by providing teachers with more information and encouraging new pedagogical approaches that go beyond the classroom.

**Keywords:** learning difficulties; literacy cycle; teachers.

<sup>1</sup> Mestra em Educação. Professora da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Integrante do grupo de pesquisa GPEFOR. E-mail: [jussaracastilhos@uniplaclages.edu.br](mailto:jussaracastilhos@uniplaclages.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3899-0770> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8708622422041228>

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Docente na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) do Mestrado em Educação e Graduação. Líder do grupo de pesquisa GPEFOR. E-mail: [profa.naiara@uniplaclages.edu.br](mailto:profa.naiara@uniplaclages.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9938-8997>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4772526675180055>



## Resumen

El tema de esta investigación son las dificultades de aprendizaje encontradas en el ciclo de alfabetización correspondiente a los primeros años de la escuela primaria. La alfabetización es un tema recurrente en las políticas educativas, en la formación docente, en los debates y en diversos ámbitos. El objetivo de este estudio es analizar las principales dificultades de aprendizaje que enfrentan los alumnos en el ciclo de alfabetización (1º y 2º años) desde la perspectiva de los docentes. La investigación adopta un enfoque cualitativo y se centra en cuestiones relacionadas con el objetivo propuesto, a través de entrevistas con profesores de alfabetización, con apoyo teórico de Vygotsky (2003, 2010) y Feuerstein e Lewin-Benham (2021). Esta investigación pretende contribuir a la educación, especialmente al ciclo de alfabetización, proporcionando a los profesores más información y fomentando nuevos enfoques pedagógicos que vayan más allá del aula.

**Palabras claves:** dificultades de aprendizaje; ciclo de alfabetización; profesores.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda os desafios de aprendizagem de acordo com as percepções das professoras do ciclo de alfabetização (1º e 2º ano) dos anos iniciais. O tema emerge dos relatos e vivências da pesquisadora como professora alfabetizadora em um contexto em que seus estudantes apresentam dificuldades na leitura e escrita.

Os professores que atuam na Educação Básica vivenciam, em seu cotidiano, uma realidade educacional diversa, o que, de certa forma, implica preocupações no processo de formação das crianças que frequentam as classes de alfabetização. Ao longo dos anos diversas Políticas Educacionais para o Ciclo de Alfabetização foram instituídas. A mais recente é o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, criada pelo Decreto n.º 11.556 (Brasil, 2023), de 12 de junho de 2023, cuja finalidade é garantir o direito à alfabetização das crianças brasileiras até o final do 2º ano do Ensino Fundamental, e foca na recuperação das aprendizagens das crianças dos 3º, 4º e 5º anos afetadas pela pandemia. O Decreto ressalta:

I – Fortalecimento do regime de colaboração, com vistas a promover a articulação entre os entes federativos e os seus sistemas de ensino na realização das políticas, dos programas e das ações estabelecidas no âmbito do Compromisso (Brasil, 2023).

O Compromisso faz uma articulação entre Estados e municípios para que ambos possam pensar uma política de alfabetização para suas regiões a partir das realidades estaduais, regionais e municipais. É importante este destaque, que reflete diretamente nas práticas das professoras<sup>3</sup> que atuam no ciclo de alfabetização (1º e 2º ano).

<sup>3</sup> Adotamos a nomenclatura professoras porque todas as participantes da pesquisa são mulheres.



Para Barreto (2004, p. 69), “[...] o professor não só ensina verdadeiramente na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se aproxima dele, em que o aprende”, na troca de sala de aula e nas dificuldades encontradas no processo.

Apesar da relevância central da atuação docente no processo de ensino e aprendizagem, observa-se que pouca atenção tem sido direcionada às experiências educacionais vivenciadas pelas professoras em sala de aula. Essas práticas, embora enraizadas em contextos empíricos ricos e diversos, carecem de um aprofundamento teórico-metodológico que permita compreendê-las em sua complexidade. A diversidade de processos de aprendizagem e as múltiplas dificuldades apresentadas pelos estudantes exigem da professora não apenas a sensibilidade prática, mas também fundamentos teóricos sólidos que subsidiem suas decisões pedagógicas cotidianas. Além disso, a carência de materiais didáticos e pedagógicos adequados – como jogos, livros e equipamentos digitais – agrava ainda mais os desafios enfrentados, evidenciando a necessidade de um olhar crítico e reflexivo sobre os suportes disponíveis para o desenvolvimento das atividades educativas. Assim, torna-se imperativo investir em abordagens que articulem teoria e prática, reconhecendo o potencial formativo das experiências empíricas e promovendo sua sistematização crítica no campo da educação.

Faz-se necessário salientar que toda criança chega à escola com uma bagagem social e cultural de aprendizagem; “[...] todo conhecimento implica um processo de aprendizagem e de formação” (Tardif, 2002, p. 35). Diante do exposto, parte-se do seguinte questionamento: *Quais as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) a partir da percepção das professoras?* Assim, o objetivo desta reflexão é compreender as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) a partir da percepção das professoras.

Para Tardif (2002, p. 31), “[...] o professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Ao desenvolver o exercício da cidadania com base ética, científica e tecnológica, os professores contribuirão profissionalmente para a construção do sujeito com produção de conhecimentos pertinentes e práticas pedagógicas. Preocupamo-nos com a perspectiva de professores que trabalham com alunos nos anos iniciais do 1º e 2º ano (ciclo de alfabetização). Nesse sentido, consideramos extremamente importante uma pesquisa que conduza a um estudo mais aprofundado sobre esse assunto.



Para responder à pergunta e ao objetivo foi realizada uma pesquisa com cinco professoras que atuam no ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) no município de São Joaquim - SC. Para chegar aos sujeitos da pesquisa foi utilizada a técnica Bola de Neve, de Vinhoto (2014), analisando-se com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Ressaltamos que as informações apresentadas neste artigo partem das falas das professoras e da realidade do local da pesquisa.

## **METODOLOGIA E SEU PERCURSO**

Esta pesquisa adota a abordagem qualitativa, conforme Flick (2013, p. 56): “[...] cada projeto de pesquisa se inicia com a identificação e a seleção de um problema de pesquisa”. Assim, formulamos uma questão de pesquisa vinculada a uma prática pedagógica vivenciada.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas<sup>4</sup> com professoras efetivas da Rede Estadual de Santa Catarina e que atuam nas escolas do município de São Joaquim nos anos iniciais, 1º e 2º anos (ciclo de alfabetização), como definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9.394/1996 (Brasil, 1996) e normatizado na Base Nacional Comum Curricular (2017) e a nova política de alfabetização, criada pelo Decreto n.º 11.556, de 12 de junho de 2023, que institui o Compromisso Nacional da Criança Alfabetizada (Brasil, 2023).

As entrevistas aconteceram de forma individual, com um roteiro preestabelecido e gravadas em um gravador. O roteiro de entrevistas foi composto por questões relacionadas às características pessoais das professoras, às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e às principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes. As respostas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

Os participantes da pesquisa foram acessados por intermédio da técnica de bola de neve, de Vinuto (2014), que é uma forma de amostragem não probabilística que utiliza referências em cadeia.

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa (Vinuto, 2014, p. 203).

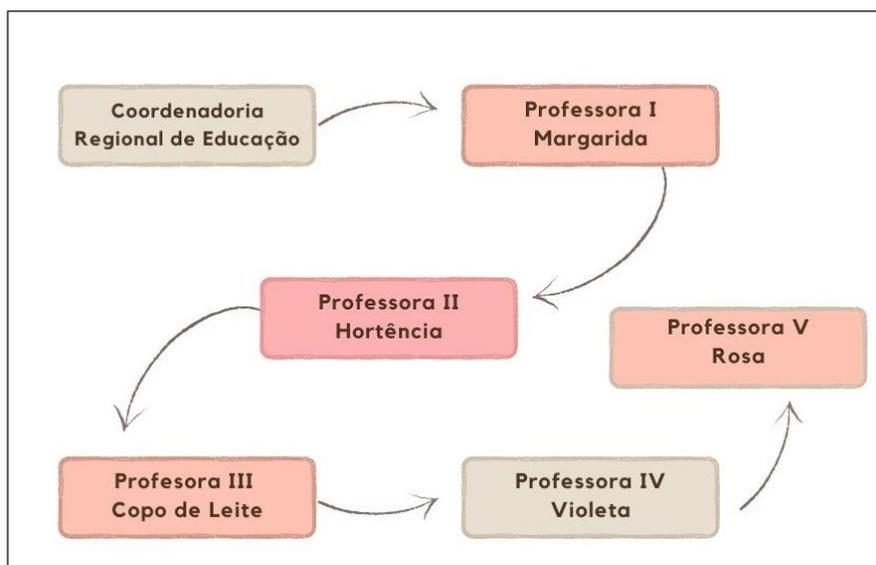
<sup>4</sup> A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética sob parecer nº 6.925.683.



A abordagem da bola de neve utiliza-se de documentos e/ou informantes-chave para identificar pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Inicia-se com uma pessoa de perfil necessário para a pesquisa e essa auxilia o pesquisador a começar seus contatos e a explorar o grupo de interesse. Em seguida as pessoas indicadas recomendam novos contatos que atendam aos critérios desejados utilizando sua própria rede pessoal, e assim por diante, permitindo que o quadro de amostragem se expanda a cada entrevista conforme a necessidade do pesquisador (Vinuto, 2014).

A técnica de amostragem em bola de neve é empregada predominantemente para propósitos exploratórios, geralmente com três metas: busca por uma compreensão mais aprofundada sobre um assunto; avaliação da possibilidade de conduzir uma pesquisa mais abrangente; e aprimoramento dos métodos a serem utilizados em futuras etapas ou estudos (Vinuto, 2014). Na Figura 1, a seguir, é apresentado o desenho para a coleta de dados.

**Figura 1** – Rede de contatos a partir da técnica Bola de Neve



**Fonte:** Elaborada pelas pesquisadoras (2024).

As entrevistas serviram como subsídio para alcançar o objetivo da pesquisa de compreender as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) a partir da percepção das professoras; “o objetivo da entrevista é obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema” (Flick, 2013, p. 115). Nesse sentido, essa abordagem deve conter perguntas que propiciem uma conversa instigante, rica, de maneira espontânea e abrangente.



Foram entrevistadas cinco professoras que, para preservar sua identidade, receberam o nome de uma flor: Margarida e Violeta lecionam em turmas de 1º ano dos anos iniciais; e Hortênci, Copo de Leite e Rosa são professoras do 2º ano dos anos iniciais. Todas são graduadas em Pedagogia, possuem Especialização na área de educação e atuam na Educação Básica entre 10 e 34 anos.

A análise do questionário será realizada com base na técnica de análise de conteúdo, definida por Bardin (2016, p. 3) como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. O procedimento respeitará as três etapas propostas pela autora: (1) pré-análise; (2) exploração do material; e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Para este artigo delimitou-se como categoria de análise as Dificuldades de Aprendizagem.

## **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM OLHAR DAS PROFESSORAS**

As dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas a problemas emocionais que interferem na capacidade do cérebro de receber, processar, armazenar e comunicar, e isso é identificado pela não reprodução das atividades aprendidas e solicitadas quando necessário; é quando o estudante apresenta uma ausência de estímulos de apreensão de determinados saberes.

Esse conceito compreende a convicção do que um cidadão ou uma sociedade têm definido sobre algum assunto presente nas relações sociais e condutas dos seres humanos. Durkheim (2014) foi o primeiro estudioso a apresentar a fala sobre representação coletiva, que buscou instituir a particularidade do pensamento social em ligação ao pensamento individual, compondo uma sociedade.

Sabemos que essas concepções estão ligadas ao contexto de cada indivíduo devido às suas crenças e valores aos quais estão inseridos, e que toda sociedade vem impregnada de sua cultura, relacionando-se com situações e indivíduos constituídos em outros decursos de interações sociais.

Cada vez mais identificamos as dificuldades de aprendizagem no cotidiano escolar, o que tem se tornado objeto de preocupação por parte de muitos educadores e estudiosos na área da educação. Observamos, nas falas das professoras entrevistadas, o quanto elas têm se esforçado para sanar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes. A professora Margarida relatou como faz:



*E às vezes eu trabalho o mesmo conteúdo com atividade diferenciada; se trabalho o meio ambiente que ele já sabe alguma coisa já vai escrevendo, o que não sabe nem uma palavra vai escrevendo algo a partir de uma figura, uma palavrinha, coisas mais simples que consegue entender; eu tento ir ao encontro com aquilo que eles precisam; não tem outra forma; faço bastante ficha de leitura e trabalho com eles; tenho muita ficha de leitura do primeiro ao quinto ano, muitos livros desmontados e montados há muitos anos, também procuro na internet ficha de leitura; na verdade, eu faço para os menores, coloco as sílabas para eles visualizarem bem e as palavrinhas e as frases para os maiores. Eu trabalho com textos que já sabem, podem ler e reproduzir em cima disso, mas com os que ainda não sabem é a leitura, eu trabalho a leitura da família, por exemplo: do B. Eu nem trabalho por ordem alfabética a letrinha, mas o que começa com b a gente vai escrevendo no quadro. Escrevi a palavra bola e partindo desta o que eu posso escrever com as letras que têm dentro dessa palavra. Trabalho essas sílabas iniciais, quantas letras têm, quantas vogais possui, o que é consoante, o que não é, o que rima com bola. Dessa forma consigo trabalhar. Lá atrás na sala eu tenho um tapete que faço o canto da Leitura, mesmo não lendo, mas eles são muito letrados; alguns deles ainda não estão lendo, mas eu dou as atividades e eles conseguem fazer; estão precisando mesmo é vocalizar o que aprenderam.*

Os alunos com dificuldades de aprendizagem têm ficado fora do alcance do desenvolvimento global satisfatório. Isso leva-nos a repensar: Onde estão os entraves que precisam ser melhorados para sanar essas dificuldades? Enquanto educador, em que preciso melhorar?

Na fala da professora Margarida, a seguir, fica esclarecido que o amor ao dinheiro e não à profissão pode deixar marcas irreparáveis na educação.

*É lamentável que muitos de nossos colegas estão trabalhando na educação pelo amor ao dinheiro e não pela vocação; acham um mercado fácil. Penso que isso tem que ser revisto; temos que ver até o que falamos, nos cuidar, pois os nossos alunos estão sempre atentos ao que dizemos e fazemos. Na aprendizagem o aluno do primeiro ano espera do professor um carinho, uma atenção especial, cativar o aluno para poder apresentar algo que seria a alfabetização. Quando se ensina com amor consegue êxito.*

O resultado de nossas atitudes, ou de informações de que nos apropriamos no passado ou em alguma teoria sobre nossa prática pedagógica, necessita ser repensada e reelaborada. Precisamos atribuir uma prática educativa com relação à temática das dificuldades de aprendizagem, pois o nosso papel é de fundamental representação sobre o assunto.

Quais são as causas desse problema? Que sentimento isso causa em mim? A quem atribui-se as causas desse problema? Quais estratégias posso usar em sala de aula? Como devo agir diante dessa representação? A professora Violeta, ao perceber as dificuldades de aprendizagem encontradas no seu estudante devido à migração de seus pais que vieram trabalhar em nossa cidade desempenhou seu papel:



*Quem não frequentou o pré-escolar, quem não fez a creche, para estes daí compensa o trabalho que a gente faz. Teve um menino que veio para cá, que era lá do Maranhão, nunca frequentou uma escola, não conhecia número nenhum, nem letra, hoje ele sabe o nome dele e as letras, ele já não conseguiu ser igual aos outros, mas ele já conhece agora de zero a dez; eu comecei a falar para ele que cada número tem uma quantidade, fui trabalhando alguma coisa à parte com ele, mas já não consegui acompanhar igual os demais até os números 99. Esse pessoal do Maranhão muda-se muito; eles não param; ele veio para cá em abril e eu já tinha passado essa parte toda de unidade, e aí ele perdeu e já ficou complicado. Quando nós professores vimos que o estudante tem uma dificuldade na aprendizagem e tem dificuldade de acompanhar os outros, fico ali tentando; voltei o conteúdo para ver se ele conseguia aprender; fico fazendo atividade de rotina bingo de palavras; na sexta-feira o Bingo de letras, depois eu vou para as sílabas, depois apresento o bingo de números, na quinta-feira música, faço muita rotina para quebrar essa dificuldade, e isso tem dado resultado na aprendizagem dos estudantes.*

Essa interação entre professor e aluno aconteceu de forma harmoniosa e com experiências mais significativas. Entendendo e respeitando as suas diferenças, a professora conseguiu que o estudante se desenvolvesse e a aprendizagem transcorresse; “Pois o processo de aprendizado está completo e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento” (Vygotsky, 2010, p. 89).

Cabe a todos os responsáveis pela educação e ao educador adotar uma postura de conhecimento e domínio do que ensina, pois só assim conseguirá mediar seu conteúdo e avaliar corretamente seus educandos, e, desta maneira, poderá discutir com o estudante localizando na história o pensamento dele, formulando hipóteses, fazendo questionamentos e sistematizando conteúdos. A professora Rosa, ao perceber que seu estudante apresentava uma dificuldade de aprendizagem muito severa, adotou uma postura cabível, conforme seu relato a seguir:

*Tenho um aluno que não lê; estamos no segundo ano, no final de agosto. Chamamos os pais quando vimos que a dificuldade era muito grande; descobrimos que ele tem autismo; conseguimos o laudo dele, e hoje ele faz o acompanhamento com a segunda professora; ele não tem noção nenhuma; é uma criança que realmente precisa desse apoio e entrou para o público da educação especial; no mais estão todos bem; no começo era assustador; eles não sabiam e graças a Deus estão conseguindo aprender. Lembrando que eu priorizei leitura e escrita, deixei muitos textos de geografia e ciências de fora, porque o meu foco foi português e matemática, mas português foi rotina de todos os dias; usei bastante o alfabeto móvel para formação de palavras, escrever imagem, bilhetes; eles adoraram; um escrevia para o outro; para ir no banheiro tinha que pedir escrevendo um bilhete; brincadeiras assim que foi coisa do momento, que foi legal, envolveu a escrita.*

É conhecendo seu aluno, sua família e sua realidade que vamos entender as dificuldades apresentadas em sala de aula. Partindo desse pressuposto, conhecendo melhor seus alunos e sua história, o professor será capaz de adaptar atividades conforme



a necessidade de cada um, trabalhando em cima das dificuldades com o máximo cuidado para não rotular e nem discriminar ninguém, objetivando um ensino com qualidade e aproveitamento do que está sendo ensinado.

O mediador é capaz de enriquecer a interação do mediado com seu ambiente, utilizando ingredientes que não pertencem aos estímulos imediatos, mas que preparam a estrutura cognitiva desse mediado para ir além dos estímulos recebidos, transcendendo-os (Souza, 2004, p. 56).

É importante o professor, em sala de aula, construir sua relação com o aluno com qualidade, fazendo com que a interação aconteça por meio do diálogo estabelecido com os colegas. Para Barreto (2004, p. 66) “[...] não há diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico”. É essencial para a criança ter confiança, respeito e responsabilidade. Podendo expressar seus pensamentos e sentimentos, ela se sentirá mais segura para sanar suas dúvidas, e não ficará mais com medo, temendo o erro, e isso contribuirá para uma melhor aprendizagem e interação entre todos os envolvidos neste processo.

Os aspectos sociais do sujeito trazem consigo conhecimentos adquiridos, e, quando o professor vai trabalhar os conteúdos pautados no currículo estabelecido pela instituição escolar, aparecem os desafios, as incertezas, os sucessos e os insucessos, tudo isso vivenciado dentro da sala de aula; “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (Freire, 2002, p. 38).

Nesse sentido,

O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas (Vygotsky, 2010, p. 92).

Conforme Vygotsky (2003), acredita-se que quanto mais o estudante for tratado com afetividade mais interessado e motivado ele ficará se sentindo instigado a curiosidades e novidades, questionando-se e compartilhando saberes dentro da sala de aula com os outros, podendo contribuir para se obter mais aprendizagem, pois, ao criar um vínculo afetivo com as pessoas melhora sua conduta com os sujeitos. O professor precisa sempre estar atento a essas condutas, uma vez que essa relação deverá estar presente nas



interações sociais, posto que na troca do aprender e do ensinar são envolvidas a inteligência e a afetividade.

Por isso, argumenta-se em favor da importância da leitura e da exploração de diversos saberes, pois quanto mais se lê mais aprimora-se o entendimento, desenvolve-se a escrita e adquire-se um pensamento mais disciplinado, favorecendo o surgimento de novos conceitos nas crianças e contribuindo para o aprimoramento da fala e para a resolução de problemas. Como reforça Vygotsky (2003, p. 12), “Os conceitos e a linguagem que os infundem dão força e estratégia à atividade cognitiva”.

A teoria de Vygotsky (2003) é um conjunto de sinais simbólicos que fornece à criança uma leitura de mundo mediando novos conhecimentos que são filtrados por meio da observação, e, com a interação, interpreta a realidade, aprendendo a falar e a solucionar problemas contribuindo com sua autonomia. Para a psicologia o estudo do pensamento e da linguagem é muito importante, pois essa relação promove o desenvolvimento da consciência provocando uma autonomia com mais estrutura e excelente significados.

No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala (Vygotsky, 2003, p. 5).

Diante do que temos observado, os professores precisam analisar as dificuldades de aprendizagens de seus estudantes partindo sempre de um todo e não por partes, buscando sempre a natureza do problema, pois por intermédio de uma palavra dita pode haver um grupo de objetos a ser estudado. Perguntamos às professoras entrevistadas o que elas compreendem sobre dificuldade de aprendizagem; a professora Margarida respondeu:

*É bem complexo porque dificuldade de aprendizagem tem que observar cada situação, cada criança possui uma história, existe um contexto de cada um, então, assim, dificuldade têm, mas eu acredito que a gente tem que correr atrás. E a dificuldade seria, em si, seria o quê? Eles não conseguem aprender em tempo certo? Talvez fosse isso, cada um tem um tempo, então a dificuldade de aprendizagem hoje na escola nós vimos muito pelo que aprendeu ou não aprendeu, fizemos uma avaliação se desenvolveu ou não as habilidades, talvez não tenha desenvolvido, mas eu acho, assim, que em algum momento ele vai desenvolver.*

Vimos que para a professora Margarida parece que ainda não está bem esclarecido o que é dificuldade de aprendizagem em seus estudantes.

A professora Hortência, na sequência, declarou:



*Esse ano tem sido um desafio bem grande para mim, pois as crianças estão vindo cada vez com mais dificuldade. Desde que eu comecei a trabalhar todo ano tá modificando, há sempre um desafio. Para mim, eu penso que a dificuldade de aprendizagem do aluno está mais relacionada ao comportamento, pois estou com um aluno bem difícil, ele está atrapalhando toda a turma; esses alunos que vêm com problema de casa isso afeta diretamente na aprendizagem aqui na sala de aula.*

A professora Hortência fala que a dificuldade de aprendizagem, para ela, está relacionada ao comportamento do estudante.

A professora Copo de Leite, por sua vez, afirma: *“É quando o aluno não consegue aprender, não consegue desenvolver as habilidades necessárias e que daí você tem que procurar alguma coisa pra você chegar nele; é quando o aluno não consegue desenvolver certa habilidade”.*

A professora violeta assevera:

*A dificuldade de aprendizagem para mim é quando o professor usa todos os recursos disponíveis dentro de uma sala de aula, mas o aluno mesmo assim apresenta aquela dificuldade em conhecimento e na aprendizagem. Usei todos os recursos disponíveis, como jogos, caça-palavra, uma brincadeira, uma música e, mesmo assim, o aluno não entendeu, ele ficou com dificuldade de ter aquele conhecimento do que a gente está trabalhando; nos cálculos matemáticos não consegui desenvolver aquele pensamento lógico; isso, para mim, é dificuldade de aprendizagem.*

A professora Rosa assim referiu-se:

*Eu penso que a dificuldade de aprendizagem é quando você utiliza diversas ferramentas, diversas metodologias e, mesmo assim, a criança não consegue compreender o que você está querendo ensinar. A gente tenta de diversas formas, dá uma até de cantora, canta uma música, cria um texto contando uma história e, mesmo assim, a criança não assimila, usa uma imagem, faz uso do concreto e do abstrato, usa um vídeo, mas ela não consegue aprender; isso é a dificuldade de aprendizagem.*

Smith e Strick (2007) mencionam que a divulgação de informações sobre dificuldades na aprendizagem tem se propagado de forma muito devagar, levando a diversos equívocos, inclusive entre professores e outros profissionais da área educacional. Não é complicado compreender a razão dessa confusão. Primeiramente, o termo obstáculos na aprendizagem não se refere a um único transtorno, mas, sim, a uma variedade de problemas que podem impactar diferentes áreas do rendimento acadêmico.

Feuerstein e Lewin-Benham (2021, p. 57) leciona que “provavelmente adultos são essenciais para estimular as crianças a elaborarem seu pensamento e usar a linguagem para fazê-lo; nesse sentido, as interações com os adultos promovem o desenvolvimento”. Quando alguém com dificuldades de aprendizagem enfrenta desafios para adquirir e



aprender um novo conhecimento, isso não significa que essa pessoa seja menos capaz, mas que precisa de mais ajuda para ter um ensino-aprendizagem eficiente, sobretudo no ambiente escolar.

Para Freire (2002, p. 50), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”, pois o saber é necessário e de grande importância para todos nós. Quando questionamos as professoras entrevistadas sobre quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos no processo de aprendizagem, a professora Margarida relatou:

*processo de aprendizagem, eu percebo que as crianças estão um pouquinho mais ausentes, eles estão dispersos, comparando com os meus alunos na aprendizagem. Todos eles rendem bem, os que não rendem são os que não vêm para a escola, são os que faltam, os demais não têm problemas grandes de aprendizagem, o problema é só vim para a escola.*

Para a professora Margarida, as principais dificuldades encontradas no processo de aprendizagem estão relacionadas com a ausência, as faltas excessivas dos estudantes que acabam ficando em atraso com os conteúdos trabalhados em sala.

A professora Hortência traz a falta de apoio e ajuda nas atividades dos alunos no contexto familiar:

*Os alunos que têm apoio em casa conseguem avançar, os que não têm tá ficando bem difícil a aprendizagem. A gente não consegue alcançar o objetivo que precisa em sala de aula, pois para se ter uma sequência tá bem complicado. Eu vou falar em relação a esse ano, eu estou com uma aluna que vive só com o pai, não vive com a mãe, o pai não tem tempo para ajudá-la, aí é o irmão mais velho que acaba fazendo as atividades dela, ela possui dificuldade no geral, já foram encaminhados os papéis para irem na APAE Fazer uma avaliação, mas essa aluna não consegue se concentrar, não consegue identificar as vogais, os números, eu não sei se é pela falta da mãe, que ela fica só com o pai dela; ela vem de manhã para aula e à tarde ela vai para o pomar trabalhar com o pai, então é a dificuldade que eu percebo em relação que eu vejo.*

Na fala da professora Hortência, fica difícil quando os irmãos mais velhos fazem as atividades para os menores e quando a família não colabora auxiliando na aprendizagem. É comum na nossa região os estudantes estudarem meio período e no outro os pais levarem para ajudar no pomar; muitos entendem que seus filhos têm de fazer as atividades escolares na escola e em casa as domésticas.



A professora Copo de Leite complementa:

*A falta da família; se a família ajudasse a gente a história seria diferente e essas questões de recursos serem aplicados não na educação, a falta de materiais que nunca têm, se a família pegar junto vai embora; eu sempre digo que a diferença de escola particular para estadual não está no profissional, está na família.*

Essa professora enxerga a família como mediadora na educação; acredita que ela faz a diferença para o estudante no processo de aprendizado. Como registra Anjos (2024, p. 8):

A igualdade de oportunidades e a igualdade de tratamento passam a ser questionadas. A igualdade de tratamento não consegue assegurar a justiça igualitária na escola fundamental e no nível superior do currículo as desigualdades são confirmadas através do princípio da igualdade de oportunidades, tendo em vista que a aprendizagem envolve, além da herança genética, a herança social.

A professora Violeta assim descreve sua observação:

*Eu vejo muito eles chegarem aqui alguns não conhecendo as letras do alfabeto, não sabendo pegar no lápis, então nós temos que começar do zero; se essa criança tivesse frequentado a educação infantil com 4 anos, ela teria já um conhecimento; isso tem sido uma grande dificuldade; alguns não conhece os nomes, não conhece as letras; eu tive, esse ano, muitos estudantes assim. São poucos que estão frequentando no nosso município a educação infantil corretamente; estão vindo com essa defasagem; tive que trabalhar muito o pegar no lápis, trabalhar muito as letras; se eles já viessem conhecendo o alfabeto, os números até zero a dez, ajudava muito; às vezes é também um pouco a estrutura familiar, que encontra-se com bastante dificuldade, desestrutura familiar bem forte; isso acaba prejudicando muito; eles não têm aquele entendimento de que o filho já tem que vir com uma base para o primeiro ano.*

O estudante precisa frequentar a Educação Infantil conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n.º 9.394/1996 (Brasil, 1996) da Educação Infantil. De acordo com o artigo 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. É preciso compreender que estar na Educação Infantil é importante para o desenvolvimento da criança e o processo de aprendizagem. A professora Rosa assim pronunciou-se:

*a principal dificuldade na turma que eu estou atuando no segundo ano, foi a base mal feita; a base tem que ser bem-feita; se não souber o nome das Letras o som das letras é onde pega a dificuldade; ele não vai conseguir ler, então primeiro tem que saber disso. Comecei a ensinar que da letra vem o nome e que tem um som. Quando a criança consegue entender isso, vai que é uma maravilha; a aprendizagem acontece; ela vai conseguir aprender, mas se não for feita essa base com excelência ela não consegue*



*aprender. Foi por causa disto que esse ano eu peguei muitos alunos com déficit de atenção; minha sorte que eu tive o apoio da escola. Chamamos os pais aqui e os pais correram atrás de profissionais de saúde, os alunos que nós chamamos foram medicados, as mães deram auxílio em casa; foi assim que conseguimos o avanço com a parceria da família, senão não tinha conseguido.*

Vygotsky (2010), em sua teoria, traz-nos a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que aborda a discrepância entre a capacidade de uma criança agir sozinha e a capacidade de agir com assistência de um adulto ou de uma criança mais habilidosa.

O autor defendia que a aprendizagem acontece principalmente na ZDP, e que os adultos têm um papel fundamental ao direcionar e auxiliar a criança na execução de tarefas que ultrapassam seu nível atual de desenvolvimento; “a mediação é uma poderosa força para modificar o cérebro” (Feuerstein; Lewin-Benham, 2021, p. 58). As tradições culturais, os padrões e os princípios de uma comunidade têm um impacto significativo na maneira como as crianças raciocinam, absorvem conhecimento e solucionam desafios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa é compreender as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos) a partir da percepção das professoras. Para alcançar o objetivo aqui proposto foram realizadas entrevistas com as professoras, quando ficou evidenciado, a partir dos relatos, que as dificuldades de aprendizagem estão interligadas à pouca concentração, à falta de apoio das famílias, aos materiais pedagógicos, entre outros.

Proporcionar a alfabetização na idade adequada é uma das maneiras de diminuir as dificuldades de aprendizagem e resolver problemas de repetência e evasão escolar, uma vez que muitos estudantes enfrentam essas situações na educação brasileira. Alguns indivíduos foram, de certa forma, excluídos do processo de alfabetização e não foram trabalhadas as dificuldades apresentadas. Antes, porém, de tentar fazer com que o estudante compreenda esse processo, é necessário que, primeiramente, as professoras entendam que precisam buscar conhecimentos teóricos para embasar suas práticas pedagógicas, tendo noção dos diferentes aspectos envolvidos nessa ação.

Além de compreender a alfabetização e as dificuldades de aprendizagem sob a perspectiva do conhecimento, é importante respeitar as particularidades individuais e ter uma visão fundamentada nos conhecimentos adquiridos para transformá-los em uma prática apropriada. Os órgãos competentes e responsáveis por essa educação devem



oferecer oportunidades e apoio aos professores e avaliar suas práticas, a fim de avançar em questões relacionadas à aprendizagem e à compreensão das professoras.

A pesquisa é uma aliada na busca por caminhos a serem seguidos para o entendimento de situações ou para novos rumos. De acordo com Flick (2013), a pesquisa orienta os caminhos que são estruturados nos modelos de decisão e ação. Devido às suas limitações, no entanto, não é recomendável depositar expectativas em relação à resolução de desafios do dia a dia, embora eles possam ser o ponto de partida para o desenvolvimento de uma investigação empírica. É viável conduzir os aspectos relacionados às questões a serem resolvidas.

A aprendizagem é algo que ultrapassa os limites da escola. Aprender é muito mais do que apenas ter acesso ao código escrito. A aprendizagem e as dificuldades de aprendizagem são processos dependentes que precisam andar juntos e interligados, de forma a permitir o acesso pleno aos conhecimentos. Para isso, a utilização de técnicas diferenciadas é algo que possibilita aos educadores oportunizarem condições para todos que estão ligados a esses processos. Uma possibilidade para esse aspecto é o uso de jogos e materiais variados, que são aliados nessa dinâmica.

As professoras entrevistadas destacam a desconexão entre a teoria ensinada na faculdade e a prática real em sala de aula. Elas apontam a necessidade de maior integração entre teoria e prática durante a formação inicial dos professores. Enquanto os cursos de Magistério proporcionaram uma base prática valiosa, as formações contínuas, muitas vezes, são insuficientes em termos de inovação e relevância para as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos docentes.

As professoras relatam a importância de formações contínuas que tragam novas metodologias e abordagens para lidar com as dificuldades de aprendizagem. Elas expressam a necessidade de apoio pedagógico específico, tanto em termos de recursos materiais quanto de assistência profissional (psicólogos, orientadores, etc.). A falta de apoio institucional é um tema recorrente, evidenciando a sobrecarga dos professores na tentativa de suprir as necessidades dos alunos com poucos recursos.

Os principais problemas de aprendizagem dos alunos no ciclo de alfabetização, a partir da percepção das professoras, referem-se a: base malformada: muitos alunos chegam sem conhecimentos básicos, como reconhecer letras ou números; desestrutura familiar: problemas familiares, como a separação dos pais, falta de apoio em casa e responsabilidades que recaiam sobre os alunos, afetam negativamente a aprendizagem; falta de acompanhamento familiar: vista como um grande obstáculo, com muitos alunos não



recebendo o suporte necessário para complementar o aprendizado escolar; recursos limitados e falta de apoio: a ausência de materiais adequados e apoio especializado dentro das salas de aula é um desafio constante; necessidade de profissionais de saúde, como psicólogos e neurologistas: citada como essencial para lidar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem significativas; diferenças individuais e ritmo de aprendizagem: cada aluno tem seu próprio ritmo de aprendizagem, e as professoras tentam adaptar métodos e materiais para atender a essas diferenças; atividades diferenciadas, como o uso de jogos, fichas de leitura e trabalho com materiais concretos: são frequentemente empregadas para tentar alcançar todos os alunos; e dificuldades específicas de aprendizagem: casos de alunos com necessidades especiais, como autismo ou dificuldades visuais, são identificados, mas nem sempre há recursos adequados para atender essas necessidades, e a resistência de alguns pais em aceitar e procurar ajuda especializada agrava a situação.

A pesquisa contribuiu com o nosso aprendizado, trazendo um vasto conhecimento na educação, pois as dificuldades de aprendizagem no ciclo de alfabetização são multifacetadas, envolvendo aspectos familiares, comportamentais, emocionais e estruturais, e a parceria com os pais é vista como crucial para o sucesso educativo dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Ana Maura Tavares dos. A criança e a garantia da aprendizagem em uma escola equitativa. **Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, Manaus: UFAM, v. 9, n. 4, p. 1-20, 2024. Acesso em: 15 maio 2025. Disponível em: [www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/16834](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/16834).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte; Ciência, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. **Decreto n.º 11.556, de 12 de junho de 2023**: institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Brasília, 12 de junho de 2023; 202º da Independência e 135º da República.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FEUERSTEIN, Reuven; LEWIN-BENHAM, Ann. **Como se dá a aprendizagem: aprendizagem mediada no Ensino Fundamental I**. Trad. Guilherme Summa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução Magda Lopes. Revisão técnica Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOUZA, Ana Maria Martins de. **A mediação como princípio educacional**. São Paulo: Senac, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 4 mar. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. Revisão técnica José Cipolla Neto. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, 1896-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**Artigo recebido em:** 13 de setembro de 2024

**Aceito para publicação em:** 15 de maio de 2025

**Manuscript received on:** September 13th, 2024

**Accepted for publication on:** May 15th, 2025

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, *Campus* Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

